

## O DESAFIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS PERANTE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

ROTTA, Adriely Maira<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Patrícia Barth Radaelli<sup>2</sup>

### RESUMO

No presente trabalho será feita uma abordagem de estudos e teorias objetivando apresentar maneiras consideradas eficazes para introduzir aos alunos das escolas públicas brasileiras, o aprendizado da Língua Portuguesa. O ensino da norma padrão da língua é papel fundamental da escola, porém ela enfrenta dificuldades quando se trata deste assunto. Pois, mesmo os alunos sendo todos falantes do mesmo idioma, muitas vezes a comunicação não é feita da mesma maneira, por existirem variações dentro da mesma língua. Então, cabe ao professor apresentar a norma padrão e aplicá-la, mas é nesse momento que se encontra o grande desafio enfrentado pela escola, ensinar uma língua para quem já sabe falar. Baseando-se em revisões de obras de autores da Língua Portuguesa, será exposto que cabe ao professor desenvolver métodos mais eficazes para introduzir a norma padrão e a prática da leitura para os alunos das escolas públicas brasileiras, que estão inseridos num contexto social voltado para a modernidade e que muitas vezes desvalorizam o conhecimento adquirido por meio da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua, Ensino, Escolas públicas.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o ensino da língua dentro do contexto das escolas públicas brasileiras. O ensino da língua, mais especificamente da norma padrão, é geralmente introduzido dentro do contexto escolar. Principalmente em regiões periféricas, o contato dos alunos com a norma padrão da língua é realizado ao iniciar a sua vida escolar, pois a escola talvez seja o único lugar onde essa criança terá acesso ao ensino da língua, pelo fato de regiões mais carentes utilizarem com menor frequência a norma padrão, isso porque qualquer língua apresenta variações e essa variação linguística amplia-se muito mais quando os seus falantes não tem acesso à informação ou a educação, causando um abismo entre a fala popular e entre a norma padrão da língua.

É muito importante e necessário o aprendizado da língua dentro do contexto escolar, pois mesmo havendo a interação entre os sujeitos a partir das variações linguísticas, ainda é indispensável o aprendizado da norma padrão dentro do contexto escolar, do mercado de trabalho, do meio acadêmico e social. Para a realização deste trabalho foi feita a seguinte consideração:

<sup>1</sup>Graduada no curso de Letras Português/Inglês, ministrado no Centro Universitário FAG, e-mail: adriely.mr@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de Letras Português/Inglês, ministrado no Centro Universitário -FAG, Mestre, e-mail: patriciab@fag.edu.br



Como deve ser proposto o ensino da língua, considerando a condição emancipadora do sujeito, na interação social, no contexto das escolas brasileiras? E para responder a esta questão, foram feitas revisões bibliográficas, coletando teorias dos seguintes autores: Sírio Possenti, João Wanderley Geraldi, Patricia Barth Radaelli Oliveira, Alice Atsuko Matsuda, Luceli Aparecida Nassar Mendes e documentos como as Diretrizes Curriculares da Educação Básica. A partir da análise das obras dos autores citados, será possível refletir o quão importante é o ensino da norma padrão da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras e seus benefícios.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As escolas brasileiras sempre tiveram grandes dificuldades no que se trata no ensino da língua. Pois cabe a ela, principalmente, no que se refere ao ensino da língua, capacitar os alunos para o domínio da norma padrão. Porém, essa tarefa muitas vezes não é executada com facilidade ou com aptidão, de acordo com Possenti (1997, pag.33) “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido”. O autor ainda comenta que não ensinar a variante padrão para um aluno que fala um dialeto não padrão é uma forma de preconceito, pois é insinuar a incapacidade do aluno perante a aprendizagem dessa variante da língua.

Quando uma criança inicia sua vida escolar, ela já fala uma língua, então cabe à escola ensinar a forma padrão, Possenti (1997, p.35) diz “que todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma”. Portanto, é essencial o papel da escola de ensinar o uso da variante padrão para que o aluno saiba se comunicar fora do contexto em que vive, ou seja, ele saberá a forma padrão quando não for possível se comunicar pelo dialeto que geralmente utiliza, Geraldi (1997, p.42) sustenta que “Estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação.”

Então, é necessário compreender que o papel da escola não é ensinar a criança a falar a sua língua materna e sim introduzi-la ao aprendizado da forma padrão, de acordo com Possenti:

Todos sabem falar. A escola não ensina língua materna a nenhum aluno. Ela recebe alunos que já falam (e como falam, em especial durante nossas aulas!...). Se as línguas e os dialetos são complexos, e se os falantes os conhecem, porque os falam, então os falantes, inclusive os alunos, têm conhecimento de uma estrutura complexa. Qualquer avaliação da inteligência do aluno com base na desvalorização de seu dialeto (isto é, medida pelo

domínio do padrão e/ou da escrita padrão) é cientificamente falha. Consequência: os alunos que falam dialetos desvalorizados são tão capazes quanto os que falam dialetos valorizados (embora as instituições não pensem assim). (POSSENTI,1997, p.34).

Mesmo sendo de responsabilidade da escola o aprendizado da língua, a partir de textos, gramáticas, leitura, interpretação, muitas vezes não é possível passar todo o conhecimento pretendido ao aluno, pois:

A escola pública brasileira, nas últimas décadas, passou a atender um número cada vez maior de estudantes oriundos das classes populares. Ao assumir essa função, que historicamente justifica a existência da escola pública, intensificou-se a necessidade de discussões contínuas sobre o papel do ensino básico no projeto de sociedade que se quer para o país. (Diretrizes Curriculares da Educação Básica, 2008, p. 14)

Ou seja, a escola deve estar sempre discutindo maneiras de tornar o ensino mais eficaz e atrativo, pois com o aumento de alunos vindos de classes populares e que muitas vezes enxergam a escola como um lugar desinteressante e que serve somente para passar o tempo e que não tem outra função, ela deve buscar métodos para tornar esses alunos falantes da variante padrão e leitores empenhados. Esse é outro desafio da escola, tornar seus alunos leitores árdus, pois com tantas tecnologias e com a facilidade ao acesso de redes sociais, internet, programas e jogos, tudo isso torna a leitura como a última coisa desejável a se fazer. Os alunos buscam novidades, coisas interessantes, divertidas e que façam parte do seu cotidiano e é por isso que a leitura se torna algo distante, pois exige atenção e concentração, e geralmente as literaturas consagradas e exigidas pela escola não trazem assuntos que chamem a atenção do aluno, Matsuda aponta:

Formar leitores não é uma tarefa fácil, visto que ler dá mais trabalho do que assistir aos programas de televisão, ouvir música ou qualquer outra atividade que a criança gosta. A leitura exige o domínio da língua e suas nuances, de tempo e concentração, determinação e conhecimento sobre o tema, além da vontade para querer aprender e descobrir. (MATSUDA, 2007, p.2)

Por isso torna-se fundamental a participação e a cobrança do professor durante o processo de formação de leitores, ou seja, a fase em que a criança descobre o universo da leitura, mas que precisa de incentivo para continuar a fazer descobertas e a desenvolver o gosto pela leitura, para que no futuro desenvolva senso crítico a partir de leituras mais aprofundadas e por meio de interpretação de textos, mas isso dependerá da indução que a criança receberá, conforme comenta Matsuda:

Nota-se, portanto, a necessidade de priorizar a formação continuada de professores para que tenham condições de formar leitores competentes, utilizando-se de uma metodologia adequada. Infelizmente, o que se observa são atividades inadequadas de leitura e oferecidas de forma impositiva, transformando a leitura em tarefa enfadonha e tortuosa. (MATSUDA, 2007, p.3)



Portanto, entende-se a necessidade de professores buscarem uma maior especialização referente à prática de leitura, pois se o próprio professor não é um leitor empenhado e que faz leituras regularmente, como poderá cobrar de seus alunos que eles o sejam.

E com tantas outras coisas a se fazer e que parecem bem mais interessantes do que o ato da leitura e aprendizagem da língua, busca-se compreender como voltar a atenção desses estudantes para o olhar da escola, pensando nisso entende-se que:

Fundamentando-se nos princípios teóricos expostos, propõe-se que o currículo da Educação Básica ofereça, ao estudante, a formação necessária para o enfrentamento com vistas à transformação da realidade social, econômica e política de seu tempo. Esta ambição remete às reflexões de Gramsci em sua defesa de uma educação na qual o espaço de conhecimento, na escola, deveria equivaler à ideia de atelier-biblioteca-oficina, em favor de uma formação, a um só tempo, humanista e tecnológica. (Diretrizes curriculares da educação básica, 2008, p.20)

Entende-se então, que cabe a escola, despertar no aluno esse interesse pela leitura, em que o professor deverá associar o assunto trabalhado no texto com o cotidiano da criança, desta forma, será feita pelo estudante uma relação entre o que se está lendo e o que ele está vivendo, ou seja, essa leitura, mesmo que muitas vezes não seja prazerosa, deverá ser feita a tentativa do professor, em torná-la interessante e próxima à realidade do aluno, conforme afirma Mendes:

O professor deverá situar o leitor na realidade na qual está inserido, transpor a literatura para o presente para que ocorra uma compreensão e reflexão mais verticalizada por parte do leitor. Para isso é importante pensar em que sentido a teoria da Estética da Recepção poderá fundamentar o trabalho voltado para a leitura fruição. Levando-se em conta a formação do leitor, faz-se necessário pensar em metodologias e estratégias que despertam o interesse pela leitura de obras literárias de narrativas longas entre as crianças e adolescentes. (MENDES, 2008,p.05).

Analisando a partir desse ponto de vista, entende-se que a busca do professor pela interação e participação dos alunos quando se trata de leitura, língua e aprendizado, é uma busca incessante, ou seja, o professor sempre terá esse papel de mediador, de sempre apresentar a fórmula mais interessante e eficaz de mostrar ao aluno o quanto o aprendizado da língua, a leitura e demais conhecimentos ofertados pela escola, são importantes e indispensáveis em suas vidas. Mas para inserir o aluno nesse contexto de educação e para que ele entenda que isso é necessário, é preciso iniciar de maneira clara, ou seja, para despertar o interesse pela leitura o professor deverá começar com leituras que despertem o interesse da criança ou adolescente e que façam parte do seu imaginário, do que eles gostam, conforme aponta Mendes:

Um dos caminhos seguros que conduzem à leitura proficiente o que tange às obras infanto-juvenis está na escolha feita pelo professor do material de leitura adequado e de qualidade que atenda e respeite o conhecimento prévio do leitor (MENDES, 2008, p.08).



Desse modo, deve-se buscar a forma mais produtiva de desenvolver o sujeito nesse novo contexto em que estamos inseridos, em que ao mesmo tempo em que tem toda a facilidade para acessar conteúdos norteadores da educação, não é possível pelo fato de todos os olhares estarem voltados para a modernização social, o que torna a escola algo mais distante e desinteressante, pelo fato do sujeito buscar a interação social apenas no contexto em que vive e deixando de lado o que a escola tem a oferecer para seu conhecimento e para seu desenvolvimento como sujeito da sociedade, uma sociedade que cada vez mais exige pessoas capacitadas, então:

Nesse sentido, a escola deve incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino, de aprendizagem (internalização) e de avaliação que permitam aos professores e estudantes conscientizarem-se da necessidade de "...uma transformação emancipadora. É desse modo que uma contra consciência, estrategicamente concebida como alternativa necessária à internalização dominada colonialmente, poderia realizar sua grandiosa missão educativa. (Diretrizes Curriculares da educação básica, 2008, p.15).

Entende-se que quando são ensinados a um aluno os conceitos da Língua Portuguesa, suas regras, sua forma de utilização, ortografia, pontuação, acentuação, valores semânticos, conjugações, leitura, interpretação de textos e produção textual, muitas vezes não é pensado em uma maneira de envolver os alunos nessa aula, apenas é aplicado o conteúdo sem se pensar que o estudante possa não estar entendendo nada ou que aquele assunto não lhe interesse pelo fato de falar somente em normas que ele certamente considera inútil pela sua imaturidade ou por estar desmotivado em relação à escola. Por isso, é imprescindível que a instituição e o educador, busquem a contextualização entre o cotidiano e a vida escolar do aluno, essa é uma tentativa que pode ser realizada, formulando uma maneira de instigar o aluno à aprendizagem da Língua Portuguesa e de qualquer outra disciplina. Essa metodologia pode ser vista a seguir:

No ensino dos conteúdos escolares, as relações interdisciplinares evidenciam, por um lado, as limitações e as insuficiências das disciplinas em suas abordagens isoladas e individuais e, por outro, as especificidades próprias de cada disciplina para a compreensão de um objeto qualquer. Desse modo, explicita-se que as disciplinas escolares não são herméticas, fechadas em si, mas, a partir de suas especialidades, chamam umas às outras e, em conjunto, ampliam a abordagem dos conteúdos de modo que se busque, cada vez mais, a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento. (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2008, p.27)

Quando o aluno compreende o uso da língua e sua utilização, ele percebe que as palavras podem ter vários sentidos, que uma palavra falada em determinada situação pode significar algo e já em outro contexto pode significar algo totalmente diferente, por isso é importante o aluno entender o significado literal da palavra. Outro fator importante é o poder da palavra, da língua falada, pois um dos fatores que nos diferenciam das outras espécies é que falamos, então quando uma pessoa



sabe utilizar as palavras de maneira coerente, ela pode tornar sua fala ou sua escrita em algo manipulador e convincente, um exemplo disso são os discursos políticos, em que são utilizadas palavras de convicção e que emitem poder, certeza e autoridade sobre o que está sendo dito, conforme cita Oliveira:

Assim, a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos. É pela palavra que se refletem as mais imperceptíveis alterações de existência humana; não apenas no sentido de formação lexical de uma língua, mas a partir da sua condição sígnica que reflete e refrata uma determinada realidade – a sua significação vai muito além daquilo que é estabelecido apenas nos dicionários. Aliás, a palavra só constitui o âmago da comunicação verbal quando assume sua principal função – ser um instrumento semiótico que compõe um enunciado e propicia a interação social. (OLIVEIRA, 2011, p.5).

Sendo assim, o estudo da língua nos permite muito mais do que aprendermos regras de ortografia. A língua é um veículo muito importante de interação social, é por meio dela que povos de diferentes idiomas se comunicam e é também por meio dela que a comunicação acontece. Oliveira afirma:

O que reitera o conceito de que a fala, mais especificamente a sua estrutura, a enunciação não pode ser considerada como um ato psicofisiológico do sujeito individual, mas sim, um ato social. O sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto e depende, ainda, da abordagem dada a cada tema. (OLIVEIRA, 2011,p.10).

Por isso é tão importante a leitura e interpretação, para que o aluno saiba realizar o uso devido das palavras, pois a interpretação equivocada de uma frase pode causar confusão se for interpretada de maneira errônea dentro do contexto em que está inserida.

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da leitura e análise de obras de estudiosos da Língua Portuguesa como Sírio Possenti e João Wanderley Geraldi, entre outros. Além da leitura e a realização de fichamentos, também houve a discussão desse tema em sala de aula, afinal foi um assunto muito discutido, pois gera muitas reflexões sobre o importante e árduo trabalho do professor na escola. Além disso, o documento das Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa também foi consultado, visando enfatizar o que já está exposto neste documento, mas que por vezes não é interpretado e seguido devidamente.

### **4. ANÁLISES E DISCUSSÕES**

A partir de toda a discussão que este trabalho expõe em relação ao ensino da norma padrão da Língua Portuguesa, percebe-se que a escola pública enfrenta dificuldades, porém, é papel do



professor insistir em ensinar a norma padrão da maneira mais eficiente possível. O objetivo da escola é pelo menos criar condições para esse aprendizado.

Vale ressaltar que a leitura é uma grande aliada no aprendizado, e mesmo as regras gramaticais sendo muito importantes para a aprendizagem da norma padrão, é preciso salientar que em uma sala de escola pública, cheia de alunos com sua atenção voltada para a tecnologia, é difícil expor todas essas regras, por isso é necessário que tenha estratégias mais eficientes para chamar a atenção desses estudantes e consequentemente alcançar o objetivo de ensiná-los. Portanto, é preciso que os alunos entendam como a leitura pode ser prazerosa e benéfica a eles. Afinal, a língua nos permite a interação social.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi apresentado é possível perceber o quanto a função da escola e do professor é complexa, diante de tantas dificuldades que o ensino da língua enfrenta, pois ainda há entre a nossa sociedade a dificuldade em reconhecer o quanto a escola é importante na vida dos sujeitos, quanto ao seu desenvolvimento como sujeito atuante da sociedade.

O professor é um mediador do conhecimento, mas muitas vezes a sociedade exige muito mais do que isso, muitas vezes é necessário o professor familiarizar-se com a realidade do aluno para poder assim compreender suas dificuldades e buscar a maneira mais eficaz de ensiná-lo o que é necessário.

Essa busca realizada pelo professor, em prol do aprendizado de seus alunos, é uma batalha constante, pois fica cada vez mais difícil lidar com a educação escolar mediante tantos obstáculos impostos pelo contexto social em que o sujeito está inserido, mesmo assim o professor deve sempre manter o foco e o objetivo de proporcionar a seus alunos a melhor educação possível.

## REFERÊNCIAS

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: Concepções de linguagem e ensino de português**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

MATSUDA, Alice Atsuko. **Formação do Leitor: Problemas e Desafios**. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=133>> Acesso em: 12 jun.2016.



MENDES, Luceli Aparecida Nassar. **Leitura Interativa e Prazerosa: Quotidiano da Prática Escolar**. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=133>> Acesso em 13 jun.2016.

OLIVEIRA, Patrícia Barth Radaelli. A concepção bakhtiniana da linguagem: a ideologia presente nos enunciados que configuram a comunicação verbal. **Revista Thema et Scientia** –Vol11, n.1, Jan/Jun, 2011.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

POSSENTI, Sírio. **O texto na sala de aula: sobre o ensino de português na sala**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.